

Tecer um filho, destecê-lo, imaginá-lo e abandoná-lo. Ou: o que herda o primogênito em Hélène Cixous e em Valter Hugo Mãe

Weaving a Child, un Weaving Him, Imagining Him and Abandoning Him. Or: What Does The Firstborn Inherit in Hélène Cixous and in Valter Hugo Mãe

Davi Andrade Pimentel¹ 

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Email: davi_a_pimentel@yahoo.com.br

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores Associados

Marlon Barbosa
Paulo Braz
Rafaela Cardeal

Recebido: 04/05/2025

Aceito: 18/08/2025

Como citar:

PIMENTEL, Davi Andrade. Tecer um filho, destecê-lo, imaginá-lo e abandoná-lo. Ou: o que herda o primogênito em Hélène Cixous e em Valter Hugo Mãe. *Revista Diadorim*, v.27, n.1, e68255, 2025. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2025.v27n1a68255>

RESUMO

A partir das narrativas *Le jour où je n'étais pas là* [O dia em que eu não estava lá], de Hélène Cixous, e *O filho de mil homens*, de Valter Hugo Mãe, este artigo se propõe a refletir sobre o lugar do filho primogênito em determinadas obras ficcionais dos dois escritores, sobretudo no que se refere às questões de tecer e de destecer os fios parentais em termos de filiação e de herança. Para um melhor desenvolvimento desta proposta de análise, este artigo será dividido em três partes: na primeira parte, será apresentada uma questão fundamental e complexa: o que é uma criança? Na segunda parte, por meio de uma leitura que marca a parentalidade endogâmica entre certas obras de Hélène Cixous, será tecida a historiografia do abandono de um primogênito. E na terceira parte, da passagem do imaginário à realidade em Valter Hugo Mãe, será demonstrado como o lugar do primogênito é um lugar de substituição, logo, do abandono.

Palavras-chave

Hélène Cixous; Valter Hugo Mãe; primogênito; herança; filiação.

ABSTRACT

Based on the narratives *Le jour où je n'étais pas là* [*The day I wasn't there*], by Hélène Cixous, and *The son of a thousand men*, by Valter Hugo Mãe, this article proposes to reflect on the place of the firstborn son in certain fictional works of the two writers, especially with regard to the issues of weaving and unweaving parental threads in terms of filiation and inheritance. In order to better develop this proposed analysis, this article will be divided into three parts: in the first part, a fundamental and complex question will be presented: what is a child? In the second part, through a reading that highlights endogamous parenthood among certain works by Hélène Cixous, the historiography of the abandonment of a firstborn will be woven. And in the third part, from the passage from the imaginary to reality in Valter Hugo Mãe, it will be demonstrated how the place of the firstborn is a place of substitution, and therefore of abandonment.

Keywords

Hélène Cixous; Valter Hugo Mãe; firstborn; inheritance; filiation.

Nota Introdutória

quando nasci. esperava que a vida.
me trouxesse. a terra. quando nasci.
esperava que a vida. me trouxesse.
as árvores. e os pássaros. e as crianças.
quando nasci. tinha o mundo. todo.
depois dos olhos. depois dos dedos.
e não percebi. não percebi. nada.
nunca imaginei. quando nasci. que a vida.
quando nasci. já era a escuridão. a escuridão.
em que estava. quando nasci (Peixoto, 2017, p. 30).

Antes de iniciarmos uma reflexão mais demorada sobre a presença cada vez mais ausente e/ou substitutiva do filho primogênito¹ nas obras da escritora argelina

¹ Neste artigo, em relação à obra ficcional de Hélène Cixous, o substantivo *primogênito* se refere ao primeiro filho do sexo masculino que veio a falecer por complicações de saúde, e não à primeira criança que a narradora deu à luz. Aqui, o primogênito carrega a marca do masculino.

e francesa² Hélène Cixous e nas do escritor português Valter Hugo Mãe, gostaria de propor um questionamento a partir de uma pergunta que surge de modo decisivo, e talvez incômodo, no ponto central do livro *L'amour du loup et autres remords* (2003, p. 118),³ de Hélène Cixous: “O que é uma criança?”.⁴ Contudo, em termos de tradução, o substantivo francês *enfant*, presente nesta pergunta, também pode ser traduzido, em português, por *filho*. Logo, a pergunta cixousiana ganharia uma perspectiva adicional: “O que é uma criança, que é desde sempre um filho ou uma filha de alguém?”. Disso resulta uma trama significativa e simbólica em que é quase impossível desatar o sentido, tanto em francês quanto em português, do substantivo *criança* do sentido do substantivo *filho*: um nó os amarra.

Seguindo essa perspectiva, uma criança somente pode *ser* na medida em que é filho(a) de alguém, seja biológico(a) seja adotivo(a), não havendo a possibilidade de *ser criança* sem *ser filho(a)*. É preciso, portanto, que exista uma *filiação* para que exista uma criança, para que o *ser criança* tenha um sentido e, com isso, seja legitimada por nossas leis jurídicas. Em sua origem latina, as palavras *filho* [*filius*] e *filiação* [*filatio*] compartilham da mesma raiz morfológica da palavra *fio* [*filum*]. Ou seja, um filho – a criança – seria a costura de múltiplos fios tecidos por seus pais, de cujos fios necessita para *ser*. No entanto, essa trama simbólica não responde à pergunta feita por Cixous. Compreender que a existência de uma criança está condicionada à sua existência filial – *um fio unido a outros fios* – não responde à sua pergunta. Sendo assim, o que é uma criança?

A pergunta persiste e, por persistir sem uma resposta conclusiva, acaba por gerar um certo incômodo no leitor. Pois, sob a aparentemente simplicidade da pergunta, se oculta uma rede de significações em queda que não produz uma única resposta validável, ou melhor, ascendente, mas múltiplas possíveis respostas ao que se acredita *ser criança*. E toda essa possibilidade provoca um tensionamento – uma torção – no pensamento do leitor, que se depara com o seu não-saber, com o extravio de seu saber. Na verdade, o leitor enfrenta uma pergunta irrespondível em termos lógicos. Uma pergunta que escapa à lógica e à razão, uma vez que as prováveis respostas a essa pergunta jamais convergem entre si para um mesmo campo de sentido, muito pelo contrário, há uma maior probabilidade dessas respostas divergirem, negando umas às outras, culminando por se autoanularem.

² Indico a leitura do meu artigo “Traduzir o (in)traduzível idioma de Hélène Cixous”, publicado na *Caligrama: Revista de Estudos Românicos* (2023), para uma melhor reflexão sobre o caráter ético da não hifenização dos adjetivos *argelina* e *francesa*, comumente hifenizados em *franco-argelina*, no que se refere à escritora Hélène Cixous.

³ Em tradução livre: *O amor do lobo e outras mordidas e remorsos*. Neste título, Cixous joga com o caráter homônimo das palavras *remords* (primeira pessoa do singular do indicativo do verbo *remordre* que, em português, é traduzido por *morder novamente*) e *remords* (substantivo masculino que, em português, é traduzido por *remorso* ou por *arrependimento*).

⁴ Todas as traduções dos textos em francês citados neste artigo são de minha autoria. No original: “Qu’est-ce qu’un enfant?”.

Nesse embate de sentidos contrários, a lógica implode. A seguir, tendo como base as obras de Hélène Cixous e de Valter Hugo Mãe, darei dois exemplos dessa tentativa em fracasso de responder conceitual e conclusivamente ao termo *criança*.

Em *Le jour où je n'étais pas là*,⁵ a narradora, que em nenhum momento se nomeia, diz do caráter messiânico de seu filho primogênito, aquele que traria a boa-nova para o mundo, mas de modo algum semelhante à boa-nova cristã, pois, enquanto judia, o Messias para ela ainda não tinha retornado, sendo possível, então, o seu retorno na figura de seu filho: “Ele chegou. Não o messias. O outro messias, o esquisito, o duvidoso, o débil, o provocador, o gentil congênito. Ele não faz nada, e tudo vacila” (Cixous, 2000, p. 117)⁶. O outro messias que não aquele, o Cristo, e sim o outro que está por vir, vindo na corporeidade informe, incompleta e inconclusa de seu filho que nasceu mongoloide.⁷ A criança messiânica que, para a narradora, traz em seu semblante uma marca anfíbia, evasiva, muda e de total incompreensibilidade – um Messias mongoloide que veio sem vir: “Ela [a mãe] pensa de repente uma coisa maluca: ele não nasceu. Será que isso existe de ter nascido sem ter ainda nascido? De ser quase? Quase” (Cixous, 2000, p. 54-5).⁸ Uma quase-criança, uma criança-pela-metade, não de todo formada, faltosa, que ocupa o lugar do *entre* – entre dois mundos: o de sua mãe, que o rejeita por ser diferente; e o seu, aquoso, marítimo, onde pode exercer e exceder o seu silêncio: “ele nadava sob meus olhos muito longe da superfície, via-o levar sua vida nas grandes e esverdeadas profundezas” (Cixous, 2000, p. 88)⁹. Talvez a criança messiânica nunca tenha deixado o espaço aquoso do ventre materno, talvez por isso não tenha de todo *nascido*.

Para Crisóstomo, personagem da narrativa *O filho de mil homens*, de Valter Hugo Mãe, as mulheres e os seus filhos ocupam inicialmente a profundidade do mar, e não a aspereza da terra: “O Crisóstomo pensava que a construção [a gestação] acontecia como no mar profundo e que as mulheres eram profundas e os filhos seres de água” (Mãe, 2016b, p. 198). A metáfora do ventre materno oceânico atravessa a escrita dos dois autores, mas com uma singularidade que não pode ser considerada, pois o oceano materno tanto é o lugar da origem de um filho quanto o lugar do seu afogamento, de sua morte por falta de ar: “– Ele [a criança messiânica] teve uma descompensação cardíaca fiava meu irmão com palavras acima da minha cabeça depois descia novamente diante de mim. O coração não funcionou mais.

⁵ Em tradução livre: *O dia em que eu não estava lá*.

⁶ No original: “Il est arrivé. Pas le messie. L'autre messie, le bizarre, le douteux, le faible, le provocateur, le gentil congénital. Il ne fait rien, et tout chancelle”.

⁷ Sobre a escolha complexa da narradora pelo termo *mongoloide* e não pelo termo *criança com síndrome de Down*, refletiremos mais cuidadosamente na próxima seção deste artigo.

⁸ No original: “Elle pense soudain une chose folle: il n'est pas né. Est-ce que cela existe d'être né sans être encore né? D'être presque? Presque”.

⁹ No original: “il nageait sous mes yeux très loin de la surface, je le voyais mener sa vie dans de grandes et glauques profondeurs”.

Ele começou a ter um problema respiratório” (Cixous, 2000, p. 182)¹⁰. Por ter permanecido tempo demais na aquosidade do ventre materno, ainda que fora dele, mas dentro dele, ligada a ele por fios de água invisíveis, a criança cixousiana morre após alguns meses por falta de ar, asfixiada duplamente: no plano do real, devido a uma cardiopatia, e no plano do simbólico, no interior do corpo oceânico de sua mãe. Teria sido necessário ter completado o seu ciclo de vida, ter saído da água para a terra, ter sido inteira, ter vindo inteira à luz, porém, isso jamais aconteceu, a sua metamorfose incompleta, a sua debilidade física, genética e biológica a tornaram uma quase-criança.

Uma criança-pela-metade que, de um ângulo oposto, seria uma criança a morrer, uma criança não mais responsável pela boa-nova, de um viver para o futuro, mas sim uma criança dispensável, um fruto malformado, incerto, que deveria ser morto e eliminado. Em uma consulta médica com um pediatra judeu, Ève, a avó materna da criança mongoloide, recebe um conselho hediondo: “– Isso? É um mongoloide. Pois bem, seu pequeno cliente, teria sido melhor matá-lo. Um vegetal. Ou na melhor das hipóteses um animal” (Cixous, 2000, p. 66)¹¹. Isso, esse cliente que dependerá – e demandará – para sempre de cuidados e auxílios de familiares ou de terceiros para (sobre)viver, deveria, com a sua vinda à luz, ter sido imediatamente conduzido à escuridão da morte, ao *não-ser*. Logo, a partir desses dois pontos de vista contrários do que viria a ser uma criança, sobretudo, uma criança com síndrome de Down, Cixous reformula antecipadamente, por meio do texto de *Le jour où je n'étais pas là* (2000), a pergunta futura de *L'amour du loup et autres remords* (2003): “O que é uma criança, uma criança mongoloide?” Não há uma resposta conclusiva. A mãe diria ser um messias por vir. O pediatra diria ser uma criança para a morte. A avó se ausentaria da resposta, mantendo-a *em segredo*.

Em todo caso, não há *uma* resposta. Mas, vejamos, não se trata aqui da complementaridade orgânica da vida e da morte na existência de um ser, que faz com que esses dois extremos convirjam para um sentido único no momento em que uma criança vem à luz. Trata-se, contrariamente, de uma drástica oposição: uma criança mongoloide é um *ser para a vida* e é um *ser para a morte* – a conjunção aditiva “e”, nesta proposição, não ata os termos em oposição (vida e morte), mas os anula mutuamente, desatando-os, uma vez que o *ser para vida* anularia o seu assassinio e o *ser para morte* anularia o seu viver. Ainda que retomemos a pergunta inicial de *L'amour du loup et autres remords*, com o adicional resultante de sua tradução e sem a complexidade da presença de uma criança com síndrome de Down, constataremos que a falta de uma resposta validável, única, persiste:

¹⁰ No original: “– Il a fait une décompensation cardiaque filait mon frère en paroles au-dessus de ma tête puis il redescendait en face de moi. Le cœur n'a plus fonctionné. Il s'est mis à avoir une gêne respiratoire”.

¹¹ No original: “– Ça? C'est un mongolien. Eh bien, votre petit client, on aurait mieux fait de le tuer. Un végétal. Au mieux un animal”.

“O que é uma criança, que é desde sempre um filho ou uma filha de alguém?”. Em *O filho de mil homens*, o velho Alfredo adota, como substituto do seu primogênito abortado, uma criança, Camilo, filho de uma anã que morreu no parto por ter um corpo tão diminuto que mal coube um feto em seu ventre. Para esse homem viúvo de idade avançada, a criança adotada seria, a um só tempo, o fio da memória de sua vida conjugal, que seria perpetuado após a sua morte, e a linha extensiva de seu corpo ausente, mantendo-se presente no nó feito ao fio da vida de Camilo:

Como se fosse de acreditar que através das crianças que se criavam se podia perdurar ainda. Mas as vinganças contra a morte, como contra o tempo, pareciam todas utopias ingênuas. O velho Alfredo contaminava o menino de memórias sobre a Carminda e sobre si. Achava que o menino era a herança. O menino era o que ficava ao mundo como continuidade de algo que não se pudera fazer antes nem de outra maneira (Mãe, 2016b, p. 78-9).

Essa ideia utópica do velho Alfredo da criança ser o fio que daria continuação aos seus pais, ao ser a depositária de suas memórias e a representante de seu corpo ausente, é compartilhada também por Crisóstomo, o pai congênito, o homem nascido para ser pai: “Os filhos, pensava ele [Crisóstomo], são modos de estender o corpo e aquilo a que se vai chamando alma. São como continuarmos por onde já não estamos e estarmos, passarmos a estar verdadeiramente” (Mãe, 2016b, p. 197). A imagem do filho tecido pelos pais para ser aquele que dará continuidade à sua existência, como a jamais morrer, pode ter alguma beleza simbólica, no entanto, é uma imagem que encena um ato de violento egoísmo, como se fosse imposto à criança desde o seu nascimento a perda de sua individualidade e de sua singularidade em favor de arcar com uma herança não desejada, mas compulsória. Como se já não bastasse o peso de carregar futuramente a sua própria herança de vida e suas memórias, a criança teria que se submeter ao peso da memória do outro, de, na verdade, ser o outro: abdicar de si em favor do outro, logo, uma criança-pela-metade. Há na sistemática da filiação essa violência determinativa e obrigatória sobre a criança: um filho (a criança) seria o ser que, com um fio amarrado em sua cintura, se manteria fiel e depositário da memória de seus pais – uma criança-amarrada-ao-fio-do-outro.

Contudo, em um determinado momento de sua vida, a criança pode se rebelar e cortar o fio. Em outra narrativa de Valter Hugo Mãe, *A máquina de fazer espanhóis*, o personagem António Jorge da Silva, um barbeiro viúvo, narra em primeira pessoa todo o seu amargor de ter sido colocado por seus filhos em um lar para idosos, pois houve, segundo ele, a pior das traições – o rompimento do fio que os unia: “a elisa ainda estaria no lar, talvez a reconfortar-se com o médico pela decisão difícil de deixar ali o pai, e eu sabia que voltaria para se despedir, com um beijo em tudo traidor, e seguiria com a sua vida chorando na viagem de regresso a casa” (Mãe, 2016a, p. 39).

Por meio da fala sarcástica do pai, que em nenhum instante poupa a traição da filha, compreendemos que não há – e nem se pretende ter – um espaço para o pai na vida cotidiana da filha: o pai dela é excluído. O fio que os unia é cortado deliberadamente – eu sou eu e o meu pai é o meu pai, não sou ele e ele não sou eu: “aceitei o beijo e senti-a afastar-se metro a metro, como se entre o seu e o meu corpo existisse um cordão que rebentaria quando esticado de mais. senti-a deixar-me ali” (Mãe, 2016a, p. 39). Nesta narrativa, não há a manutenção de uma continuidade do pai no filho, como será aceita e performada por Camilo e Crisóstomo em *O filho de mil homens*.

Os filhos de Antônio nem se sobrecarregam da memória dos pais, desfazem-se de sua herança paterna, e nem desejam manter junto de si a corporeidade do pai restante, afastam-no, cortam os fios que os ligariam. Dito isto, refaço a pergunta: “O que é uma criança, que é desde sempre um filho ou uma filha de alguém?”. Na obra de Valter Hugo Mãe, podemos destacar duas respostas opostas e que se autoanulam: por um lado, a criança seria a continuação dos pais, o fio mantenedor de suas memórias; mas, por outro lado, a criança seria o ser que futuramente abdicaria da herança parental para se definir enquanto ser individual e fabricante de suas próprias memórias. Neste caso, a criança não pode ser ao mesmo tempo o ser que dá e o ser que não dá continuidade à memória de seus pais. Portanto, uma vez mais, a busca por uma resposta conclusiva à pergunta de Cixous se apresenta fadada ao fracasso. Mas talvez haja uma saída: um movimento de fuga que nos possibilite continuar a refletir sobre o que viria a ser uma criança. A saída talvez esteja em aceitar a inconclusividade da resposta – a sua multiplicidade – e o caráter somatório da pergunta, que continuamente agrega elementos inesperados, complexos e delicados, como, por exemplo, a existência de uma criança com síndrome de Down e de uma *criança-boneco*¹² que substitui momentaneamente a presença física – não digo real, uma vez que o boneco de Crisóstomo é real – de uma criança humana, que viria a ser o Camilo.

Ao aceitarmos que não há *uma* resposta à pergunta de Cixous, aceitamos, por sua vez, as várias respostas à sua pergunta, sobretudo, aquelas que se autoanulam, que se opõem e que divergem entre si, pois são exatamente essas respostas que problematizam e que colocam em movimento o pensamento sobre uma ideia do que viria a ser uma criança: uma ideia sempre em construção e, conseqüentemente, cada vez mais desconstruída, jamais se mantendo estável ou tornada um conceito previamente estabelecido. Logo, *uma criança é* – uma ideia-sintagma sem predicado, aberta à inconclusividade.

A partir dessa breve introdução, em que apresentei a problemática da ideia do que viria a ser uma criança e a sua relação com o seu entorno, não restrito, claro, ao espaço familiar, proponho, agora, uma reflexão mais demorada sobre os fios que tecem e destecem os filhos primogênitos de seus pais nas obras de Hélène Cixous e de Valter Hugo Mãe.

¹² Na terceira seção deste artigo, analisaremos o (não) lugar dessa *criança-boneco* na narrativa *O filho de mil homens*, de Valter Hugo Mãe.

A historiografia de um abandono

o teu sono anoiteceu mais que a noite
e hei-de escrever-te sempre sem que nunca
te escreva sei as palavras que fechaste
no olhos mas não sei as letras de as dizer
ensina-me de novo se ensinares-me for
ir ter contigo ao teu sorriso ensina-me
a nascer para onde dormes que me perco
tantas vezes numa noite demasiado pequena
para o teu sono num silêncio demasiado fundo
dormes e tento levantar a pedra que te
cobre maior que a noite o peso da pedra que
te cobre e tento encontrar-te mais uma vez
nas palavras que te dizem só para mim
o teu sono anoiteceu mais que as mortes
que posso suportar e hei-de escrever-te
sempre e mais uma vez sozinho nesta noite (Peixoto, 2017, p. 12).

O que pode saber uma mãe sobre a morte de um filho se exatamente nesse dia fatídico ela não estava lá? O que lhe restou desse acontecimento único que a assombra ainda que esquecido? O que lhe foi ou o que lhe é permitido saber? E por que demorou quase quarenta anos para fazer o retorno a esse dia em que não esteve lá? É provável que, por não ter estado lá, essa mãe somente possa recolher os fios soltos deixados na história do tempo de sua família, sobretudo, aqueles que foram deixados em Argel, sua cidade natal, para onde foi enviada a *criança-diferida*, e tecer com esses fios uma memória possível, talvez inventada, em um livro que testemunhará a sua ausência no dia em que não esteve lá: “O livro me impele a retornar para Argel. Mais uma vez. A retornar Argel, a escavar com a enxada a cena do segredo” (Cixous, 2000, p. 178).¹³

¹³ No original: “Le livre me pousse à retourner à Alger. Encore une fois. À retourner Alger, à fouiller à la bêche la scène du secret”.

Um trabalho de escavação duplamente manual: primeiro, será preciso, com as mãos, desenterrar do que foi esquecido por sua mãe e por seu irmão, aqueles que estavam lá, os fragmentos de memórias que resistiram ao tempo; segundo, com o pouco que desenterrou – um pouco não de todo livre de fios inventados –, enterrá-lo, com suas mãos, em um livro que exige ser escrito, como um dever de memória em favor daquele que não teve *o tempo* de fabricar a sua própria memória: “O livro agora se emaranhava nisso também. Agora havia apenas nós, família, memória e amnésias, agora havia um livro que tinha vindo se juntar à confusão, se eu quisesse dormir ele me despertava, o livro, ele, nunca dorme” (Cixous, 2000, p. 150)¹⁴.

Para poder escavar-escrever a cena do segredo – ou dela se aproximar, mas sem jamais estar diante dela ou presente nela, pois a trama do tecido xadrez azul e branco que estofava o berço da criança morta lhe impede a visão-escrita completa da cena – é necessário retornar a Argel, voltar a ser uma cidadã argelina, revisitar o seu passado de exílio infantil em sua pátria-colônia francesa, ressuscitar os seus mortos enterrados no cemitério judaico, o seu pai e o seu primogênito, atados pelo nome Georges, porém, desatados pela (perda da) herança, pela consanguinidade diferida, ausente em sua presença congênita. Portanto, ir ao encontro da cena-segredo é “retornar Argel”, voltar a ser uma cidadã argelina, ou melhor, uma cidadã argelina do cemitério argelino judaico – uma *cidadã do cemitério*:¹⁵

Quanto a mim, revolvo túmulos jovens, o que faço aqui a revolver, não sei o que procuro retornando à terra-natal sob minhas próprias páginas, mas reconheço que o que cavo é a terra-natal, aquela à qual estamos ligados ou negados, e de vez em quando lágrimas sobem da terra e me molham a garganta, quando falo minhas palavras estão úmidas. Talvez seja isso que procuro sem saber, ao chorar? Se pergunta em mim o Livro (Cixous, 2000, p. 159)¹⁶.

¹⁴ No original: “Le livre maintenant s’en mêlait aussi. Maintenant il n’y avait pas que nous, famille, mémoires et amnésias, maintenant il y avait un livre qui était venu s’ajouter à la confusion, si je voulais dormir il m’éveillait, le livre lui ne dort jamais”.

¹⁵ Sobre a constante visitação da narradora cixousiana ao seu cemitério particular, onde estão enterrados os seus familiares e os seus autores amados, indico a leitura do meu texto “Gestos poéticos sob(re) ruínas de escrita. Ou: sobre o que resta do gesto poético em Hélène Cixous”, publicado no livro *Poesia e gesto: sobre estéticas crítico-filosóficas contemporâneas*, organizado por Paula Glenadel e Franklin Alves Dassie (2023).

¹⁶ No original: “Tandis que moi, je remue de jeunes tombes, qu’est-ce que je fais là à remuer, je ne sais pas ce que je cherche en retournant la terre-natale sous mes propres pages, mais je reconnais que ce que je fouis c’est la terre-natale, celle à laquelle nous sommes liés ou niés, et par moments des larmes montent de la terre et m’embuent la gorge, lorsque je parle mes paroles sont humides. C’est peut-être cela que je cherche sans savoir, à pleréur? Se demande en moi le Livre”.

Caso a sua procura seja (também) por Argel, chorar a morte de seu primogênito é, de certa forma, chorar a perda de sua primeira terra, de sua origem, de sua ascendência e de sua filiação primeira, é chorar por Argel-Georges, aqueles que não podem mais ser retomados senão em ruínas, o muito pouco de cada um que pode vir a se tornar matéria de sua escrita literária: “Furtivamente peguei o fragmento de meu filho morto. Destrocei um pedaço consistente como uma unha que enrolei com um lenço” (Cixous, 2000, p. 173)¹⁷. Nessa perspectiva, o envio da *criança-diferida* a Argel não pode ser compreendido como uma simples coincidência, foi, talvez, uma urgência inconsciente de reparar a culpa de uma mãe por meio de seu filho, como se o ato de abandonar o seu primogênito aos cuidados de Argel, representada pela figura de sua mãe, Ève, fosse um sacrifício compensatório por ter abandonado primeiro a sua terra natal, por não ter lutado por e com ela – um abandono-entrega de um filho que saldaria a dívida primeira, aquela do abando inaugural: “Se meu filho Georges morreu e desapareceu em Argel isso não é um acaso” (Cixous, 2000, p. 161)¹⁸. Contudo, para desemaranhar a trama do acaso à procura do seu centro, da cena-segreto ocultada sob os seus fios, é fundamental que se escreva, que, por meio de sua escrita, seja tecida a história de seu abandono.

Uma história de perda e de abandono do filho primogênito que, em termos de estrutura narrativa cixousiana, é escrita e tornada tema central no “Livro” *Le jour où je n'étais pas là* (2000). Muito embora a fantasmagoria obsedante do filho abandonado esteja presente direta e indiretamente desde a primeira obra ficcional de Cixous, *Le Prénom de Dieu* (1967),¹⁹ tornando-se novamente tema central em *Double oubli de l'orang-outang* (2010),²⁰ quando a narradora encontra uma caixa na casa de sua mãe, Ève, contendo os manuscritos esquecidos de seu primeiro livro, que vem a ser *Le Prénom de Dieu* – um primeiro filho escrito dado à luz, mas negado e abandonado por sua estranheza por sua mãe-escritora. Nessa arqueologia cixousiana do filho messiânico, em que se faz necessário escavar o passado com um olhar compenetrado para o futuro no desejo de compreender o presente de uma perda, nos deparamos com dois rastros próprios da escrita de Cixous: o primeiro rastro, um excedente biográfico em sua ficção que sugestivamente conduz o leitor menos atento a crer que se trata de uma literatura autobiográfica quando, contrariamente, o que se está lendo não é a transcrição da vida real de Hélène Cixous, e sim a sua ficção atravessada por experiências pessoais que se afastam cada vez mais da escritora ao penetrarem em seu espaço literário. Há, nesse sentido, uma terceira forma de escrita.

¹⁷ No original: “Furtive je pris le fragment de mon fils mort. Je brisai une miette grosse comme un ongle que j'enveloppai dans un mouchoir”.

¹⁸ No original: “Si mon fils Georges est mort et disparu à Alger ce n'est pas un hasard”.

¹⁹ Em tradução livre: *O Nome de Deus*.

²⁰ Em tradução livre: *Duplo esquecimento do orangotango*.

Nem propriamente apenas ficcional nem impositivamente autobiográfica, mas uma escrita liberta dos limites impostos, em literatura, pelos conceitos de ficcional e de autobiográfico. Na verdade, há, em Cixous, um nó radical – não deslindável – entre o que se compreende por real e por ficção, pois, a um só tempo, o que seria o real – a sua biografia – passa a ser tão fictício quando qualquer ficção; e, em contrapartida, a sua ficção – o seu mundo criativo – passa a ter uma conjuntura realista mais real do que o próprio real. Disso resulta que a oposição entre real (biografia) e ficcional (criação) não funda nenhum saber e nenhum caminho interpretativo interessante na análise de suas narrativas, uma vez que essa oposição nem ao menos é projetada por sua escrita, muito menos justificada. Ainda que, nos anos 60, a escritora Hélène Cixous tenha dado à luz um filho com síndrome de Down que morreu poucos meses depois, não podemos afirmar que a narrativa de *Le jour où je n'étais pas là* seja o testemunho de sua experiência pessoal, pois em nenhum momento essa narradora é nomeada ou nomeável e nem a sua experiência ficcional pode ser dada como prova incontestável da experiência de sua autora. E, por mais que essa narradora em outras obras ficcionais se nomeie ou seja nomeada de H. ou de Hélène, nada justificaria uma relação imediata entre a ficção e a vida de Cixous.

Claro que não podemos deixar de observar que se trata de uma obra ficcional que joga constantemente com elementos biográficos da escritora, como nomes de parentes, de amigos e de sua cidade natal, por exemplo; no entanto, essa estratégia de escrita – ou performance literária – não se restringe ao possivelmente real e nem o almeja, mas se escreve juntamente com esse real possível – codificável – dando origem a um mundo literário singular, no qual o ficcional passa a ser o constitutivo polarizador de sua obra, interligando a sua vida e a sua escrita numa estrutura não conceitual única: a sua literatura. Em *H. C. pour la vie, c'est à dire...*,²¹ Jacques Derrida destaca a implosão poética das fronteiras entre o real e o ficcional, entre a vigília e o sonho, na obra cixousiana:

Não conheço uma obra [...], nunca li nada nesse século, falo por mim, que venha de um lugar em que o mais potente cálculo da escrita, a composição polifônica, do grão da voz à amplidão das canções, a ourivesaria formal e como que pontuada por signos sobre a página, os ritmos do corpo textual se aliem desse modo, estratégia vigilante e deliberada, vigília impecável, ao sopro mais espontâneo do vocábulo [...], ali onde a vigília e o sonho [...] se empenham e conseguem um e outro passar suas próprias fronteiras, a forçar seus limites e a provocar o leitor (Derrida, 2002, p. 18)²².

²¹ Em tradução livre: *H. C. pela vida, ou seja....*

²² No original: “Je ne connais pas d'œuvre [...], je n'ai jamais rien lu en ce siècle, pour ma part, qui vienne d'un lieu où le plus puissant calcul de l'écriture, la composition polyphonique, du grain de voix à l'ampleur des chants, l'orfèvrerie formelle et comment ponctuée des signes sur la page, les rythmes du corps

Desperta e sonhando, no *entre* do real e do ficcional não mais codificável, a narrativa de Cixous se escreve a partir de um potencial jogo inventivo de cenas desdobráveis e reencenáveis que rasuram vertiginosamente as fronteiras do real e da ficção, provocando deliberadamente o seu leitor: “Compreendia que eu podia ter inventado esse pensamento de minha mãe” (Cixous, 2000, p. 174)²³. Logo, a Ève, mãe da escritora Hélène Cixous no plano do real, não é de fato a Ève, mãe da narradora Hélène no plano do literário. Da *bio-fictícia-grafia* cixousiana, passemos ao segundo rastro: uma obra que se autorreferencia, uma espécie de endogamia positiva em termos literários. Desde 1967 até 2023, com a publicação de *Incendire: qu'est-ce qu'on emporte?*,²⁴ os textos ficcionais cixousianos são narrados, se ouvirmos bem, por uma única voz feminina, que ora é nomeada ora não é nomeada, que encena em uma obra um episódio que pode vir a ser reencenado em obras futuras, que diz, rediz, nega, renega, traduz e se retraduz continuamente, uma obra que convoca escritores queridos e os assimila em sua própria constituição narrativa, uma obra que se volta a si própria, como um ouroboros.

Semelhante complexidade estrutural endogâmica não impede que cada obra tenha uma identidade ficcional, apresentando uma singularidade temática, sintática e performática únicas. Contudo, enquanto grande retábulo literário, que pode ser lido e compreendido por partes (por obra), é somente na abertura de todas as suas telas que poderemos ter acesso a uma melhor interpretação do espaço ficcional dado à luz por Cixous. Por exemplo, a escrita do abandono do primogênito, tematizada em *Le jour où je n'étais pas là*, ganha novos contornos interpretativos com a publicação de *Double oubli de l'orang-outang*, narrativa que, por sua vez, relacionará, pela estranheza (in)confessável, o abandono do primeiro filho com o abandono da primeira obra, *Le Prénom de Dieu*. Ou seja, uma cena cixousiana jamais finda em uma determinada obra, pelo contrário, uma cena tanto pode ser reencenada exaustivamente, como a cena da ida à Torre de Montaigne, quanto pode ser inserida em outras cenas, ganhando uma maior extensão literária que possibilita ao seu leitor uma imersão mais profunda em cenas como a da perda e do abandono da *criança diferida*.

textuel s'allient ainsi, stratégie vigilante et délibérée, veille impeccable, au souffle le plus spontané du vocable [...], là où la veille et le rêve [...] s'ingénient et réussissent l'un et l'autre à passer leurs propres frontières, à forcer leurs limites et à provoquer le lecteur”.

²³ No original: “Je comprenais que j'avais pu inventer cette pensée de ma mère”.

²⁴ Em tradução livre: *Incendizer – o que se leva?*. Neste título, Cixous aglutina dois verbos franceses: *incendier* [*incendiar*] e *dire* [*dizer*], criando um novo verbo para o seu idioma ficcional – *incendire*. A partir da leitura dessa narrativa, gostaria de apresentar duas interpretações para o seu título: a) que um *incêndio*, que o ato de *incendiar*, *diz* algo, deixando consequentemente um rastro-escrita por onde devasta; e b) que, em literatura, o ato de *dizer* está estreitamente relacionado ao ato de *incendiar*, de criar *palavras-labaredas*. E tanto a primeira quanto a segunda interpretação estão acompanhadas de uma pergunta difícil: em um incêndio e/ou na literatura, o que se leva, o que se pode salvar? Caberá, portanto, a cada leitor de Cixous responder ou não a essa pergunta.

Desse modo, quando, em *Double oubli de l'orang-outang*, é feita uma referência a *Le Prénom de Dieu*, não se trata simplesmente de uma referência a um livro publicado por Cixous no plano do real, mas, sobretudo, a um livro escrito por essa voz narrativa que não pode ser confundida com o *eu* de Hélène Cixous, uma vez que essa voz literária é de uma outra que não ela, de uma outra que não é uma outra-eu-mesma, e sim de uma *outrossíssima outra*, pertencente ao lado do literário:

Um livro se escreve rápido. [...] Há gestação e parto. O livro se escreve a toda velocidade quando está pronto. Sempre pari rápido e sem dor – no fim. [...] Não sou eu, é no cruzamento do meu corpo pensante e do fluxo dos acontecimentos vivos que a coisa se secreta. Eu serei somente a porta e o porta-palavra. O receptor linguístico (Cixous, 2003, p. 89-90)²⁵.

Um fazer literário essencialmente feminino, no qual Cixous gesta uma obra ao se deixar penetrar por uma voz narrativa vinda do lado de lá, do lado onde se encontra a literatura: “Tenho essa necessidade de me deixar frequentar por vozes vindas de meus outros lugares que ressoam através de mim. Quero ter vozes” (Cixous; Derrida, 2004, p. 22)²⁶. A partir desse gesto materno, e de autofecundação, pois autorreferencial e endogâmico, que teve início em 1967, podemos traçar uma historiografia do abandono de seus primogênitos, abandonados por uma mãe-escritora que não soube lidar com o seu caráter *Impossível*: “Desde a aparição de meu filho o cordeiro de mãos palmípedes, há Impossibilidade, desde a chegada imprevista de meu filho o Impossível” (Cixous, 2000, p. 51)²⁷. Uma chegada inexplicável do primogênito-Impossível que permaneceu esquecida – ou sublimada pelo caráter substitutivo do outro filho não-diferido que veio à luz logo em seguida – por trinta e oito anos, retornando à cena presente quando o filho-vivo pede o *livret de famille* (livro de registro de família) para uma consulta em 1º de maio de 1999, dia e mês do nascimento do filho-morto: “1º de maio, dia do nascimento de meu filho morto. Às vezes salto para o céu fantasma” (Cixous, 2000, p. 44)²⁸.

²⁵ No original: “Un livre s’écrit vite. [...] Il y a gestation et accouchement. Le livre s’écrit à toute vitesse lorsqu’il est prêt. J’ai toujours accouché vite et sans douleur – à terme. [...] Ce n’est pas moi, c’est au croisement de mon corps pensant et du flux des événements vivants que la chose se secrète. Moi je ne serai que la porte et l’apporte-parole. Le récepteur linguistique”.

²⁶ No original: “J’ai ce besoin de laisser me hanter des voix venues de mes ailleurs qui résonnent par moi. Je veux avoir des voix”.

²⁷ No original: “Depuis l’apparition de mon fils l’agneau aux mains palmées, il y a Impossibilité, depuis l’arrivée imprévue de mon fils l’Impossible”.

²⁸ No original: “Le 1er mai, jour de la naissance de mon fils le mort. Parfois je bondis au ciel fantôme”.

Um salto à fantasmagoria do primogênito que jamais deixou de assombrá-la, embora tenha se insurgindo e se presentificado de modo mais violento quando, pela primeira vez, a narradora se depara com a disposição das fotos de seus três filhos no *livret de famille* fotocopiado: lado a lado, a fotografia da *criança-diferida* precede, com a sua morte literalmente retratada, pois esquecida ou que se quis esquecida, a *vida a seguir* de seu irmão, a foto do filho-vivo que vivifica a cada vez a continuação de sua ausência, de sua inexistência diante de sua mãe. O outro que, por desejo materno (in)confessável de reparar o erro do destino que lhe deu uma criança-pela-metade, se sobrepôs à sua imagem, cortando o seu fio, deixando-o solto, esquecível: “Nos meses seguintes iniciei uma gravidez em contra-ataque, sem me abater ao pensar nisso” (Cixous, 2000, p. 112)²⁹. Com o fio solto em suas mãos, assim como o fantasma borrado do primogênito diante de si, a narradora é levada, a partir do *livret de famille*, a tecer-escrever em livro a história de seu filho abandonado aos braços da avó-Argel, de sua mãe-cidade-natal. Um livro indesejado e incoerente, análogo à presença de seu filho nos primeiros dias de seu nascimento, um livro *in memoriam* que, ao reconstituir a pouquíssima existência infantil, dirá de um crime materno que, (não) esquecido, continuava acusando-a: “E da mesma forma ao término de um combate contra mim mesma e que perco eu acabo escrevendo um livro que não queria *sobretudo-escrever*” (Cixous, 2000, p. 31, grifos da autora)³⁰.

Contudo, como tecer uma história com poucos fios que, juntos, não dão forma a quase nada? Como conferir vida e conceber a morte de uma criança dada por sua mãe nos primeiros meses de seu nascimento? Como reconstituir uma filiação, por mais frágil que seja, sem os recursos necessários para fazê-lo, tendo abdicado de ser mãe, logo, de estar presente na vida-morte de seu filho? Resta-lhe, por fim, se apossar dos fios de memórias de sua mãe, Ève, e de seu irmão, *aqueles que estavam lá*, e costurá-los com outros fios, *aqueles da ficção*: uma trama quase-inventada de uma vida que quase-não-existiu, embora tenha lutado para ser. Porém, ainda que esteja com todos esses fios em mãos, a criança-Impossível a impossibilita de tecê-la, uma vez que as palavras faltam quando se trata de uma criança pela metade, uma quase-criança, faltosa, diferida, dessemelhante, do fora, ausente, anfíbia, inapreensível, escassa, esvaziada, flácida, impalpável, deslizando, incoerente e mongoloide: “Diante *dele*, pensei, todas as palavras referentes ao ser, ao ter, ao poder, ao ir, todas vacilaram e se curvaram. É por essa razão que sempre foi difícil para mim falar dele, falha de linguagem” (Cixous, 2000, p. 12, grifos da autora)³¹.

²⁹ No original: “Dans les mois qui suivirent je lançai une grossesse en contre-attaque, sans m'affaiblir à y penser”.

³⁰ No original: “Et de la même façon au terme d'un combat contre moi-même et que je perds je finis par écrire un livre que je ne voulais *surtout-pas-écrire*”.

³¹ No original: “Devant *lui*, pensé-je, tous les mots d'être, d'avoir, de pouvoir, d'aller, tous ont vacillé et plié. Voilà pourquoi il me fut toujours difficile d'en parler, faute de langue”.

Um filho, por sua diferença cromossômica, negado pela linguagem e por meio dela, vindo a se tornar uma criança exilada de seu país, a França, e do convívio com a sua mãe:

Será que eu sabia, eu, quando evitei observá-lo partir, negando tudo, negando a necessidade, negando o acontecimento, negando a profecia, negando o erro e a verdade, negando a crueldade, negando a inocência, negando as palavras pacientes e esperançosas, negando em bloco e toda falta, negando os fatos, os traços, os olhos, a língua as mãos o nariz, será que eu sabia que *negava* [*niais*] quem eu *negava* [*niais*], será que eu sabia que o protegi em mim fora de mim, desde esse instante no fora de mim que faz, no buraco minado de minha noite, um ninho que choca para sempre meu pequeno *retardado* [*niais*]? (Cixous, 2000, p. 12, grifos meus)³².

Na língua francesa, o adjetivo *niais* pode ter tanto um sentido mais pejorativo, sendo traduzido para o português por *retardado*, *imbecil* e *idiota*; quanto um sentido mais, digamos, brando, sendo traduzido também por *bobinho*, *inexperiente* e *ingênuo*, embora, como se perceba, trate-se de um adjetivo cujo campo semântico mobiliza uma característica de déficit de inteligência e de vivência do ser adjetivado, ora de forma mais cruel ora de forma mais amena. De toda forma, *niais* adjetiva um ser excluído dos padrões básicos de inteligência e de vivência exigidos para um ser viver medianamente em sociedade. Em termos de tradução, optei por traduzir *niais* por *retardado*, pois dialogará, como veremos, com o adjetivo *mongoloide* escolhido pela mãe para adjetivar a sua *criança-ausente*. O adjetivo *cru*, que remete a uma certa *crueldade* subjetiva, é o fio que possibilitará à mãe se aproximar do *filho-diferido*. Por sua vez, o adjetivo *niais* é homônimo do verbo *nier* [*negar*] quando declinado na primeira pessoa do tempo verbal do imperfeito do modo indicativo: *je niais*, o tempo verbal ao qual a narradora recorre em seu *mea culpa*.

Portanto, uma criança que, ao nascer, é negada duplamente pela língua francesa de sua pátria: uma criança *niais* [negada] por ser *niais* [retardada]. E uma vez mais negada: ou seja, triplamente negada. Dessa vez, negada por sua mãe, que não a compreendia, acomodando-a em seu seio como uma brincadeira de mau gosto do destino, que lhe concedeu uma criança dessemelhante em tudo dos demais bebês da maternidade de Sainte-Foy, sobretudo, no que se refere ao primeiro laço entre mãe e filho: a amamentação.

³² No original: "Est-ce que je savais moi lorsque je me gardai de le regarder partir, niant tout, niant la nécessité, niant l'événement, niant la prédiction, niant l'erreur et la vérité, niant la cruauté, niant l'innocence, niant les paroles de patience et d'espérance, niant en bloc et toute faute, niant les faits, les traits, les yeux, la bouche la langue les mains le nez, est-ce que je savais que je niais qui je niais, est-ce que je savais que je le gardai dans moi hors de moi, dès cet instant dans le hors de moi qui fait, au creux miné de ma nuit, un nid où couve pour toujours mon petit niais?"

A *criança-diferida* não poderia ingerir o leite materno, não podendo, por essa razão, selar com os lábios o contato inaugural com o corpo de sua mãe – houve desde o seu nascimento a perda do laço, do fio, do cordão, da ligadura entre mãe e filho: “Enquanto procurava alimentá-lo com leite como qualquer outro bebê, ele se esvaíava, todo leite o ameaçava de morte. Leite materno leite de vaca leite em pó leite Nestlé, leite Pelargon, leite veneno, assassinado com leite” (Cixous, 2000, p. 65).³³ Se, segundo Freud (2018, p. 247), no texto “Uma amostra do trabalho psicanalítico”, presente em *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*, o “primeiro objeto erótico da criança é o seio nutridor materno, o amor surge apoiando-se na necessidade de nutrição satisfeita”, podemos concluir, então, que entre a mãe e o filho cixousianos não houve nenhum processo de identificação, nenhum início de amor, havendo apenas perdas, desistências, abandonos e, por fim, a libertação de carregar um peso morto, uma criança que não ria, que não abria os olhos, mas que sutilmente sorria, que parecia sorrir como as demais crianças – ledão engano de uma mãe confusa:

Estava perturbada, senti minha debilidade filosófica, entrei nas incertezas no que concerne sobretudo às definições aos limites às fronteiras às barreiras às espécies aos gêneros às classificações, por um lado não tinha nascido mongoloide tendo dado à luz um mongoloide, e portanto nascida de seu nascimento [...] (Cixous, 2000, p. 114)³⁴.

Caso perguntássemos a essa jovem mãe de vinte e dois anos, cujo filho nasceu com síndrome de Down, o que é uma criança, certamente ela procuraria responder a partir de sua confusão mental, como buscou responder para si mesma antes de dá-lo à Ève, a futura mãe de seu primogênito. Eis, a seguir, algumas de suas definições: “A criança imprecisa (Cixous, 2000, p. 54)”, “a criança ainda inapreensível” (Cixous, 2000, p. 54), “Ele é liso, abstrato” (Cixous, 2000, p. 56-57), “aí vem o Ausente” (Cixous, 2000, p. 64), “ele é aquele-que-não-está-lá” (Cixous, 2000, p. 65), “Georges a criança faltosa” (Cixous, 2000, p. 91), “*A criança mal escrita*” (Cixous, 2000, p. 99, grifos da autora) e “a criança incerta” (Cixous, 2000, p. 112).³⁵

³³ No original: “Tant que je cherchai à l'alimenter de lait comme un nourrisson comme un autre, il se vidait, tout lait le menaçait de mort. Lait de mère lait de vache lait en poudre lait Nestlé, lait Pelargon, lait poison, assassiné au lait”.

³⁴ No original: “J'étais troublée, je sentis ma faiblesse philosophique, j'entrai dans des incertitudes concernant surtout les définitions les limites les frontières les barrières les espèces les genres les classifications, d'un côté n'étais-je pas née mongolienne ayant donné naissance à un mongolien, et donc née de sa naissance [...]”.

³⁵ No original: “L'enfant flou” (p. 54), “l'enfant encore insaisissable” (p. 54), “Il est lisse, abstrait” (p. 56-7), “voici venir l'Absent” (p. 64), “il est celui-qui-n'est-pas-là” (p. 65), “Georges l'enfant manqué” (p. 91), “*L'enfant mal écrit*” (p. 99) e “l'enfant incertain” (p. 112).

A essas (não) definições do que seria uma criança, precisamente o seu filho, somam-se muitas outras na tecelagem narrativa de *Le jour où je n'étais pas là*. Atormentada pela vaporosidade de seu filho-Impossível e sobrecarregada pelo peso de sua indefinição, a narradora o abandona aos cuidados de sua mãe em Argel, ou melhor, de sua mãe-Argel-Ève: “eu o entreguei à minha mãe. Para colocar entre nós o espaçamento do pensamento” (Cixous, 2000, p. 47)³⁶. Na verdade, um abandono e um abismo impostos pela mãe ao *filho-diferido*, exilando-o da França, de sua presença e de seu pensamento: “- Você *largou* essa criança, imagina meu irmão, você *largou* essa criança porque *ela é monstruosa*, disse meu irmão” (Cixous, 2000, p. 96, grifos da autora)³⁷.

Um filho/fio monstruoso abandonado/entregue por sua/uma mãe, e que somente poderia encontrar uma morada em Ève e em Argel. Sua avó, enquanto parteira profissional, acolhe-o sem questionar a sua diferença cromossômica, em clara oposição ao que ocorreu com a sua mãe, que buscava assemelhá-lo com o entorno e identificá-lo com a normalidade cotidiana, buscando, assim, desvelá-lo, apreendê-lo e compreender-lo. Para Ève, a síndrome de seu neto não comprometia em nada o seu cotidiano na Clínica em Argel – sendo uma diferença a mais entre tantas outras diferenças que se sucediam durante os diversos partos diários, embora estivesse lidando pela primeira vez com uma criança com síndrome de Down. Ève não procurava sondar a sua ausência, deixava-o ser, existir, pois, com sua experiência, sabia que aquela criança não sobreviveria às exigências do mundo. Já o seu exílio em Argel demarca uma volta a casa, ou melhor, à origem de sua filiação, à terra que deu à luz sua mãe. Como um filho pródigo que retorna, não como aquele da fábula bíblica cristã, mas como o outro, o *filho-diferido* que, por sua falta congênita, retorna à casa de sua mãe-Argel e nela recebe morada. Um retorno a Argel que permite, por outro lado, que a sua mãe escreva-teça a sua história.

Sem “retornar Argel” não seria possível à narradora enfrentar a impossibilidade de seu filho. É por essa razão que o Livro sempre a impele a retornar a Argel, pois é em sua “terra-natal” que os fios entre mãe e filho podem se encontrar – um encontro por meio do exílio e da exclusão. É na revisitação de sua infância de criança exilada em Argel, exilada por ser judia e por ser argelina em uma colônia francesa na África, ou seja, exilada por ser diferente, por ser vista como um ser-diferido dos colonos, que a narradora inicia um trabalho de identificação, de amarração dos fios, com o seu filho exilado:

³⁶ No original: “je le remis à ma mère. Afin de mettre entre nous l’espace de la pensée”.

³⁷ No original: “- Tu as *largué* cet enfant, trouve mon frère, tu as *largué* cet enfant parce qu’il est *monstrueux*, dit mon frère”.

Durante todo o tempo em que vivi na Argélia meu país natal não deixava de ir à escola depois ao liceu como se estivesse em exílio, sonhava chegar um dia na Argélia não obstante meu próprio país natal, em que acabasse por encontrar a porta de entrada enquanto me dirigia todos os dias ao liceu percorrendo um corredor de ruas irascíveis aos meus olhos [...] (Cixous, 2000, p. 26)³⁸.

Um exílio provocado por ser uma *criança-diferida* – exílio que, a um só tempo, a narradora foi objeto e sujeito. Nesse processo de autoconhecimento e, de certa forma, de *mea culpa* pelo abandono de seu primogênito, uma história, não apenas a da perda do seu filho, mas também a sua, se tece, um Livro *in memoriam* se tece e os fios, antes desatados, atam-se. Nessa tecelagem, a narradora se dá conta de que, entre o seu filho e ela, não havia uma dessemelhança incompreensível, mas uma diferença compartilhável, uma vez que judeus e crianças mongoloides passavam a coabitar um mesmo espaço – o da exclusão: “Minha mãe tampouco a parteira alemã em Argel ninguém tinha lhe falado dos outros seres humanos de qualquer forma até então nós, a família, sabíamos que os outros humanos de qualquer forma eram os Judeus, ou seja nós” (Cixous, 2000, p. 113)³⁹. O outro (do) humano, cuja aproximação era estabelecida pela consciência do exílio e pelo nome *judeu-mongoloide*.

Em uma primeira leitura, o adjetivo *mongoloide* está sobrecarregado de um sentido pejorativo: de submeter, por sua adjetivação, um ser humano a uma categoria inferior. Referir-se, dessa maneira, a uma criança com síndrome de Down como uma criança *mongoloide* é diferenciá-la negativamente, é excluí-la dos padrões tidos por normais – e, aqui, coloca-se em questão o que seria a normalidade tanto na perspectiva social quanto na perspectiva científica. Neste artigo, não nos aprofundaremos nessa questão entre o velho e o novo normais nas diversas áreas do conhecimento de nossa contemporaneidade. No entanto, por outro lado, feita essa breve ressalva do caráter pejorativo do adjetivo *mongoloide* em sua relação direta com os seres humanos com síndrome de Down no plano do real, se faz necessário que o releiamos quando esse mesmo adjetivo é inscrito no plano ficcional da narrativa *Le jour où je n'étais pas là*, de Cixous. A narradora não adjetiva a *criança-diferida* de *mongoloide* de forma a inferiorizá-la, mas de forma a aproximá-la pelo primeiro adjetivo – pela primeira forma de nomeação – que foi utilizado para defini-la quando a primeira criança com síndrome de Down insurgiu no mundo.

³⁸ No original: “Tout le temps où je vivais en Algérie mon pays natal en ne cessant pas d’aller à l’école puis au lycée comme en exil, je rêvais d’arriver un jour en Algérie pourtant mon propre pays natal, de finir par trouver la porte d’entrée tandis que je me rendais tous les jours au lycée en parcourant un couloir de rues irascibles à mes yeux [...]”.

³⁹ No original: “Ma mère non plus la sage-femme allemande à Alger personne ne lui avait parlé des autres êtres humains quand même jusqu’alors nous, la famille, nous avions su que les autres humains quand même c’étaient les Juifs, c’est-à-dire nous”.

Portanto, é por meio do primeiro nome, do nome de batismo, do nome de seus antepassados, do nome escolhido para defini-lo pela primeira vez, que a narradora busca se aproximar de seu primogênito com trissomia, chamando-o de *mongoloide*.

Uma estratégia de aproximação arriscada, claro, que faz uso do gesto do senso comum que um dia, há séculos, comparou as feições de uma criança com síndrome de Down com as feições dos povos mongóis da Ásia, uma comparação que ganhou um tom bastante ofensivo ao longo do tempo. Porém, para a narradora, é muito mais ofensivo e dissimulador tentar mascarar essa diferença cromossômica com um nome científico, com um termo médico, que em nada diminui o preconceito, a exclusão e o constante exílio sofridos pelas crianças com síndrome de Down. Conferir um outro nome, um nome mais palatável social e culturalmente, não ameniza o olhar de espanto, sempre surpreso, daqueles que olham uma criança mongoloide, seja pela primeira ou pela segunda vez, como se estivessem olhando um ser de outro mundo, exatamente como antes o senso comum fizera ao compará-la aos mongóis – um povo asiático singular e bastante diferido:

Hoje em dia não se diz mais *mongoloide*,

Mongoloide não é bom. Se diz *trissomia* é melhor, é menos evidente, é menos cru, é menos crível, é mais erudito e menos deus.

- *Trissomia, termo médico aconselhado*. Não há mais mongoloides doravante (Cixous, 2000, p. 67, grifos da autora)⁴⁰.

Em uma comparação desconcertante, porém, bastante reveladora no que toca na ferida incictrizável da exclusão dos judeus e das crianças mongoloides da sociedade argelina e europeia, a narradora relembra que o conselho dado ao povo judeu da Argélia, bem como ao de toda a Europa, para mudar determinados nomes que o designavam e, conseqüentemente, o visavam na Segunda Guerra Mundial, de nada adiantou para refrear o antissemitismo e a Shoá – ou seja, mudar de nome não muda o preconceito e a aversão, apenas, quando muito, encobre pobremente um sentimento fortemente revelável:

Na Argélia durante a guerra mundial na casa das pessoas delicadas houve substituição igualmente em 1940 e termos aconselhados, no lugar de Judeus de um dia para o outro tivemos *israelitas aconselhado*, no lugar de árabe *terme aconselhado nativo*, no lugar de “eu quero” aconselhar “eu gostaria” (Cixous, 2000, p. 67, grifos da autora)⁴¹.

⁴⁰ No original: “De nos jours on ne dit plus *mongolien*, / *Mongolien* ce n’est pas bien. On dit *trisomique* c’est mieux, c’est moins voyant, c’est moins cru, c’est moins croyant, c’est plus savant et moins dieu. / - *Trisomique, terme médical conseillé*. Il n’y a plus de mongoliens dorénavant”.

⁴¹ No original: “En Algérie pendant la guerre mondiale chez les personnes délicates il y eut substitution également en 1940 et termes conseillés, au lieu de Juifs du jour au lendemain il y eut *israélites conseillé*, au lieu d’arabe *terme conseillé indigène*, au lieu de ‘je veux’ conseiller ‘je voudrais’”.

Um conselho propriamente subjugante que resultou também na perda consentida para alguns judeus de sua herança fisionômica, da perda da identidade visual de sua filiação que os amarrava aos seus antepassados: a perda do nariz judaico. Com o propósito de evitar uma já previsível perseguição por sua diferença cultural e religiosa, alguns judeus se submeteram à rinoplastia: “Sempre houve o *Antisemitismus*.⁴² E os grandes narizes sempre foram operados” (Cixous, 2000, p. 61, grifos da autora)⁴³. Entretanto, a *criança-mongoloide* não herdou de sua mãe judia essa marca fisionômica – *essa outra diferença*, o seu rosto ausente não trazia nenhuma marca, não a identificava nem com o povo judeu nem com o povo não judeu, um rosto sem visualidade, perdido em uma bruma anfíbia, no entrelugar de uma quase-nula-existência: “Observando esse nariz sem modelo, sem ancestral, sem comprimento, sem ideia, ele parece ter a chave desse exílio” (Cixous, 2000, p. 57)⁴⁴. Nem o fato de batizá-lo com o nome do avô materno, batizando-o de Georges, o pai que repassou a herança fisionômica de seus antepassados à sua filha, concedendo-lhe a herança do que virá, o Messias e a boa-nova por vir judaicos, possibilitou à narradora tornar preciso – *tornando-o em um judeu preciso* – a imprecisão de seu primogênito. Por isso o seu questionamento: ““não seria uma espécie de não-judeu?”” (Cixous, 2000, p. 57)⁴⁵. Uma questão que resulta em uma certeza: “esse nariz, minha herança, meu pai, não quero me separar dele” (Cixous, 2000, p. 59)⁴⁶.

Uma certeza que a afastava cada vez mais de seu filho sem marcas hereditárias, e sem nenhuma herança, até não mais suportá-lo, dando-o à sua mãe. Em sua tecelagem historiográfica do abandono de seu filho, duas questões se fazem presentes, dois fios buscam atar-se ao tecido-escrito: onde estava a narradora quando de sua morte e como Georges morreu. No período de seu nascimento até a sua morte, de 01 de maio de 1960 a 01 de setembro de 1961, conforme podemos ler – e visualizar – nos textos de *Le jour où je n'étais pas là* (2000), de *L'amour du loup et autres remords* (2003) e de *Double oubli de l'orang-outang* (2010), muito provavelmente a narradora estava sendo assombrada pelo seu primeiro livro *Le Prénom de Dieu*, publicado em 1967.

⁴² Na narrativa de Cixous, o substantivo *antisemitismo* está grafado em alemão: *Antisemitismus*. Optei por não o traduzir para que o leitor brasileiro tivesse um desconforto semelhante ao que sentiu o leitor francês ao se deparar com uma palavra visualmente conhecida, mas que trazia um certo desconhecimento, uma falha em sua estrutura em termos da língua francesa, uma vez que a grafia francesa correta seria *antisémitisme*. Por sua vez, ao grafar em alemão um substantivo tão fortemente atrelado ao extermínio do povo judeu pela Alemanha, do seu povo, a narradora demarca, ou marca uma vez mais, em alemão um crime inesquecível, um crime propriamente alemão, um crime de grande parte do povo alemão, um crime da língua alemã.

⁴³ No original: “Il y avait toujours l'*Antisemitismus*. Et les grands nez on a toujours fait opérer”.

⁴⁴ No original: “À remarquer ce nez sans exemple, sans ancêtre, sans longueur, sans idée, il lui semble tenir la clé de ce dépaysement”.

⁴⁵ No original: “serait-ce pas une espèce de non-juif?”.

⁴⁶ No original: “ce nez-là, mon héritage, mon père, je ne veux pas m'en séparer”.

Tanto Cixous, em *L'amour du loup et autres remords*, quanto a narradora cixousiana, em *Double oubli de l'orang-outang*, destacam que o primogênito escrito não pertence às suas *autobibliografias*: “Nos primórdios de minha autobiografia, eu não escrevia livros, não escrevia, chegava, à noite, coisas. Outros teriam dito se tratar de ‘livros’ talvez. Mas eu chamava esses rebentos de sismos e convulsões noturnas *de coisas*” (Cixous, 2003, p. 111, grifos da autora)⁴⁷. O primeiro livro, *Le Prénom de Dieu*, é tão impreciso quanto o primeiro filho mongoloide, Georges, não à toa é nomeado de *coisa*, algo da ordem da indefinição que veio com o nascimento da *criança-diferida*, com o seu surgimento.

Um livro *(in)desejado* que veio à luz por meio de convulsões noturnas, ecoando, assim, a convulsão de Georges que resultou em sua morte, segundo o testemunho de seu irmão – *aquele que estava lá*. Um livro que, como declara a narradora em *Double oubli de l'orang-outang*, se escreve no masculino, que sustenta uma voz masculina e não feminina, como lhe seria característico: “Escrevi as novelas de *Prénom de Dieu* estando plenamente responsável por meus atos? [...] Eu está no masculino nessas narrativas. Isso somente faz aumentar a confusão. Em meus livros declarados, eu está sempre no feminino” (Cixous, 2010, p. 201)⁴⁸. Um livro escrito, possivelmente, pelo fantasma de seu filho, pela voz que não se fazia ouvir no plano do real, mas que, no plano do literário, tentou se aproximar de sua mãe por meio daquilo que lhe era mais querido, a literatura. Entretanto, uma vez mais, Georges não encontrou abrigo em sua mãe, nem em sua escrita, embora seja filho dela duplamente, enquanto primogênito mongoloide e enquanto primeiro livro. Nesse momento, não importa se Georges morreu de febre, como testemunha Ève, ou de uma severa cardiopatia, como confirma o seu tio médico. De toda essa tecelagem, o que resta palpável é o duplo abandono de uma *criança-diferida* por sua mãe.

Entretanto, é preciso fazermos duas últimas perguntas. A primeira: o que sobrou para a narradora após todos esses fios serem tramados em *Le jour où je n'étais pas là*? Após a confecção da historiografia de seu filho? No último parágrafo de seu livro, ela ensaia uma resposta: o que lhe sobrou desse trabalho manual, artesanal, foi a consciência de que uma *coisa*, seja ela um objeto ou um filho, uma vez dada não pode ser restituída, perde-se a coisa dada: “Abro as mãos. Não se toma de volta a criança que foi dada. É preciso que eu pare disse a mim mesma. Fechei o livro” (Cixous, 2000, p. 190)⁴⁹.

⁴⁷ No original: “Aux commencements de mon autobiographie, je n'écrivais pas de livres, je n'écrivais pas, il arrivait, de nuit, des choses. D'autres auraient dit 'livres' peut-être. Mais j'appelais ces rejetons de séismes et convulsions nocturnes *des choses*”.

⁴⁸ No original: “Ai-je écrit les nouvelles du *Prénom de Dieu* en tant que pleinement responsable de mes actes? [...] Je est au masculin dans ces récits. Cela ne fait qu'ajouter à la confusion. Dans mes livres déclarés, je est toujours au féminin”.

⁴⁹ No original: “J'ouvre les mains. On ne reprend pas l'enfant qu'on a donné. Il faut que je m'arrête me dis-je. Je fermai le livre”.

Gesto semelhante é reencenado pela narradora em *Double oubli de l'orang-outang*, quando entrega a caixa dos manuscritos de *Le Prénom de Dieu* ao caminhão de lixo, tendo a consciência de que aquele primeiro livro não lhe pertence, pois foi dado ao seu amigo J. D.,⁵⁰ e por ele nomeado, após ter vindo à luz: “Boa viagem, disse eu. Disse boa viagem em voz baixíssima, muito perto do silêncio, eu não gostaria que um passante me ouvisse, mas bem que gostaria de ser ouvida pelos deuses. [...] Espero chorar” (Cixous, 2010, p. 219)⁵¹.

E, por fim, a segunda pergunta: a *criança-diferida* cixousiana herdou algo além de seu abandono? Sim, herdou um livro-túmulo, agora, visível, situável – uma escrita tumular que, como morada eterna, a acolhe e narra, ainda que ficcionalmente, a sua quase-não-existência.

Com um fio se (des)tece um filho

o barco avança sem destino.

as noites, os dias. o barco avança sem destino.

o oceano é infinito (Peixoto, 2017, p. 66).

Em *Le jour où je n'étais pas là*, a narradora cixousiana demorou quase quarenta anos para relembrar e retornar à *criança-diferida* em Argel – quase quarenta anos para “retornar Argel”; semelhante medida temporal experimentou o personagem Crisóstomo, de *O filho de mil homens*, de Valter Hugo Mãe, porém, não para relembrar de um filho, mas para esperá-lo, um filho desde sempre esperado por um pai que ansiava e ensaiava uma paternidade por vir, imaginada: “Um homem chegou aos quarenta anos e assumiu a tristeza de não ter um filho. Chamava-se Crisóstomo” (Mãe, 2016b, p. 19). Em Mãe, o tempo do esquecimento transforma-se em tempo da espera, de estar à espera de um filho retornante que ainda não existe, que ainda não foi concebido por uma mãe real, mas imaginada – uma mãe qualquer: “Decidiu que sairia à rua dizendo às pessoas que era um pai à procura de um filho. [...] Pensava o Crisóstomo que algures na pequena vila haveria alguém à sua espera como se fosse verdadeiramente a metade de tudo o que lhe faltava” (Mãe, 2016b, p. 21). Crisóstomo, um pai congênito, ainda em devir, por isso pela metade, um ser pela metade, um *homem-pela-metade*, cujos fios soltos buscavam um fio/filho para gestar uma filiação – um gestar no qual, ao mesmo tempo, o signo do feminino e do masculino copulariam dentro de si para gerar uma criança a torná-lo inteiro:

⁵⁰ J. D. é a abreviação do nome do filósofo Jacques Derrida, amigo pessoal de Cixous, que, em suas narrativas, ganha uma perspectiva ficcional.

⁵¹ No original: “Bon voyage, dis-je. J’ai dit bon voyage à voix très basse, tout près du silence, je ne voulais pas que m’entende un passant, mais je voulais être bien entendue par les dieux. [...] Je m’attends à pleurer”.

Via-se metade ao espelho e achava tudo demasiado breve, precipitado, como se as coisas lhe fugissem, a esconderem-se para evitar a sua companhia. Via-se metade ao espelho porque se via sem mais ninguém, carregado de ausências e silêncios como os precipícios ou poços fundos. Para dentro do homem era um sem fim, e pouco ou nada do que continha lhe servia de felicidade. Para dentro do homem o homem caía (Mãe, 2016, p. 19).

Pela metade, sem genealogia, sem antepassados e sem filiação, Crisóstomo ensaia a paternidade ao comprar um boneco de pano em uma feira: “Abraçava o boneco e procurava pensar que seria como um filho de verdade, abanando a cabeça igual a estar a dizer-lhe alguma coisa” (Mãe, 2016b, p. 19). Com o boneco de sorriso de botões vermelhos, o pai em devir tece uma relação parental com um objeto inanimado, abraça-o, beija-o e ensina-lhe coisas que somente os pais poderiam ensinar aos seus filhos. A imobilidade de seu primogênito, a sua mudez, o rosto sem expressões, sem identidade, o olhar nebuloso a vagar por um imaginário apenas pertencente aos bonecos de pano, vibra, com a mesma intensidade melancólica, a imobilidade da *criança-diferida* de Cixous, ambos muito próximos de uma imobilidade objetual, de um estado de coisa, de *ser-coisa* distinta – de serem *crianças-coisas*: “procuro pescar a criança-flutuante [...] assopro as sílabas na direção de sua língua pontuda [...] quero levá-la levá-la à resposta. Sem tampouco fugir ela se demora mergulhada em misteriosos preparativos” (Cixous, 2000, p. 90)⁵². Embora fosse exímio pescador, Crisóstomo não fez emergir a sua *criança-de-pano* à vida, o seu primogênito, tal qual o da narradora cixousiana, permanecia silencioso, afundado em seus pensamentos de *coisa-diferida*, em um mundo aquoso, difuso e mudo: “Sonhou que um filho mais demorado poderia enfim descobrir o caminho para sua casa e ocupar o seu lugar no sofá onde o boneco de pano permanecia com um sorriso tão alegre mas indiferente, um sorriso feito de botões vermelhos” (Mãe, 2016b, p. 20).

Contudo, inesperadamente, quando pensava que por filho teria apenas um esboço, uma *criança-coisa*, o pai em devir com a linha de seu anzol pesca uma criança humana, pequena, mas humana, solitária e entregue à vida pesqueira pela inaptidão do mundo em lhe dar uma família que sobrevivesse, que fosse mais, muito mais do que um esboço de família. Em uma noite de trabalho na traineira, Crisóstomo, aproveitando-se do abismo de Camilo, de sua não-pertença a nada e a ninguém, entregue ao seu léu-interior, pergunta-lhe se poderia ser seu pai, ao que o menino-em-falta responde que sim, que gostaria de ter o seu vazio preenchido. Ambos sendo metades de algo ainda por vir se unem: “[Crisóstomo] agradeceu à natureza gritando, num barulho alto para que todos soubessem, que tinha um filho, que tinha um filho” (Mãe, 2016b, p. 26).

⁵² No original: “je cherche à pêcher l’enfant-flottant [...] je souffle les syllabes vers sa langue pointue [...] je veux le soulever le ramener à la réponse. Sans fuir non plus il demeure plongé en mystérieux préparatifs”.

Todavia, e o outro filho? O primogênito de sorriso de botões vermelhos sentado no sofá à espera de seu pai? Este é prontamente substituído pela vivacidade do pequeno rapaz, filho de pais incertos. É preciso, como vimos em *Le jour où je n'étais pas là*, sempre substituir o incerto pelo certo, ainda que seja por uma certeza pequena, filho de uma anã de “uns oitenta centímetros, atrapalhada no andar, os olhos grandes sempre cansados” (Mãe, 2016b, p. 29).

O primogênito, então, é substituído. Por um período, permanece sentado no sofá à espera de um futuro incerto. Os fios tecidos – e de tecido – em volta de seu corpo que tinham dado a Crisóstomo a forma de um filho, que, a bem da verdade, tinham lhe dado um filho e uma filiação, não mais recebem os afagos matinais de seu pai – a *criança-de-pano* está exilada em sua própria casa. Logo após enamorar-se por Isaura, a mulher desafortunada por querer saber demais, por não ceder à razão de manter inviolável a sua virgindade; e de conhecer o homem maricas, Antonino, assim apontado pela vila por amar demais o mesmo sexo, conhecendo consequentemente a sua mãe, Matilde, e a pequena órfã Mininha, Crisóstomo dá a esta última o seu primogênito como uma forma de compensar a perda de sua mãe, um modo de conferir-lhe um outro tipo de filiação, a filiação daqueles que herdaram as dores do mundo, as dores que caberiam a muitos, mas que se restringem aos poucos seres que possuem o desejo de manter-se de pé, ainda que cambaleando: “O Crisóstomo foi buscar o boneco do sorriso de botões e mostrou-o à cara grande da Mininha. [...] O Crisóstomo respondeu: é para ti. Tens de adoptá-lo, dar-lhe um nome e fazê-lo muito feliz” (Mãe, 2016b, p. 185). E, assim, o futuro de seu filho foi tecido.

Camilo substituiu o primogênito de Crisóstomo, assim como o irmão e *Le Prénom de Dieu* substituíram Georges: primogênitos substituídos e dados a um destino incerto. Em ambos, há o corte do fio filial – fios que não voltam jamais a serem reatados, nem o pai e nem a mãe voltam a tempo para darem um nó nos fios rompidos, até mesmo porque uma coisa uma vez dada não pode ser tomada de volta, nem coisas e nem filhos: o abandono, em Cixous e em Mãe, tem somente uma única via, a da perda não restituída. Fato interessante a ser observado é que na obra *O filho de mil homens* todos os primogênitos são substituídos por um outro filho, como se todos eles apresentassem uma falha genética ou material, como se não conseguissem uma inteireza, permanecendo sempre pela metade, faltosos e diferidos, distantes do imaginário de seus pais: Camilo e Mininha são os exemplos dessas *crianças-substitutas*. Camilo, por duas vezes, substituiu um primogênito: o primogênito abortado do casal de idosos Alfredo e Carmina e o primogênito de pano de Crisóstomo. Mininha substitui o primogênito de Matilde, Antonino, dando à mãe adotiva uma oportunidade de reencenar e de corrigir a sua maternidade com uma criança que lhe permitisse sentir o peso da “normalidade da natureza”, e não mais o peso do que não poderia entender, como o desejo de seu filho por outros homens – uma vez mais, a incompreensão cede lugar ao compreensível: a uma outra forma de amor? Talvez, mas uma outra forma de amar que corta *um outro*:

Matilde disse-o no pensamento: tenho uma filha. Estava a decidir por uma filha, como se lhe nascesse com sete anos, um atraso, mas ainda muito futuro em compensação. [...] Era porque lhe estava colocada uma segunda oportunidade para a educação. [...] Chorou depois, como qualquer mãe choraria por alguém que faltasse tanto a uma filha sua. A Mininha ajeitou-se ali, aninhada naquele corpo que generosamente se oferecia e, sem falar, pediu ajuda (Mãe, 2016b, p. 168-9).

Tanto Matilde quanto Crisóstomo gritam à natureza ou em pensamento a posse de um filho, esquecendo, em seus pensamentos e diante da natureza, que já tinham um filho, um primogênito esquecível, pois faltoso, incompleto e muito diferido dos demais. Antonino, por sua vez, dá voz aos primogênitos que, mudos, como a *criança-de-pano* e Georges, não podiam verbalizar a dor da substituição: “Mas deixava-lhe um ciúme. Um ciúme que era já uma saudade de ter lugar no colo dela, de ter lugar no incansável dos seus dias. No incondicional. O Antonino desceu a rua, e desciam também as bágoas” (Mãe, 2016b, p. 171). Mas, por outro lado, Camilo, a *criança-substituta*, não era uma criança de todo inteira, era diminuto, de medida destoante das demais crianças de sua idade, tendo herdado de sua mãe, a anã, e não de seus prováveis quinze pais, o tamanho singular. Logo, o que é uma criança, uma criança nascida de uma anã de não mais do que oitenta centímetros? Uma criança pela metade? Não para Crisóstomo, o pai-já-preenchido. Para este pai congênito, o filho da anã era o messias de sua família, o esperado que trouxe a boa-nova para dentro de sua casa, o santo de casa que, diferente do outro, fazia todos os dias o milagre, o milagre da paternidade para um homem que ansiava por um herdeiro, por um fio/filho que costurasse nele sua outra metade para ser inteiro.

Entretanto, para ser inteiro foi necessário o abandono de seu primogênito, sendo preciso dá-lo para que o seu lugar fosse ocupado por uma criança que pudesse ter uma vida fora de sua imaginação, uma criança animada por si própria e não pelo outro em suas fantasias. Metaforicamente a *criança-de-pano* é destecida para que seja possível tecer Camilo, para que fosse possível a passagem do imaginário ao real, do desejo à posse:

Aos poucos, o pescador e o rapaz pequeno eram vistos por todos como os mais normais pai e filho, e havia já gente que julgava que fossem pai e filho desde sempre. E eram mesmo, porque se sentiam inteiros, porque ainda antes de se encontrarem já eram parte um do outro e podiam jurar sobre isso. Juravam sobre isso muitas vezes. As pessoas diziam que tinham os narizes iguais, e eles riam (Mãe, 2016b, p. 26-7).

Uma herança fisionômica, embora imaginada ou dita tantas vezes que se tornou realidade, que filia, pelo nariz, Crisóstomo e Camilo e a narradora cixousiana e o seu segundo filho, mas que, em contrapartida, por sua nula existência, desfilia a *criança-de-pano* e Georges de seus pais, destecendo-os, desatando-os, deserdando-os e, por fim, abandonando-os. O que herdou a *criança-de-pano* de Valter Hugo Mãe? Um futuro incerto, não mais sob a morada de seu pai, a casa intensamente azul como o mar que o encarava de frente.

Referências

- CIXOUS, H. *Le jour où je n'étais pas là*. Paris: Galilée, 2000.
- CIXOUS, H. *L'amour du loup et autres remords*. Paris: Galilée, 2003.
- CIXOUS, H. *Double oubli de l'orang-outang*. Paris: Galilée, 2010.
- CIXOUS, H. *Le Prénom de Dieu*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 2019.
- CIXOUS, H. *Incendire: qu'est-ce qu'on emporte?*. Paris: Gallimard, 2023.
- CIXOUS, H.; DERRIDA, J. Du mot à la vie: un dialogue entre Jacques Derrida et Hélène Cixous. *Magazine Littéraire*, Paris, n. 430, p. 22-29, abri. 2004.
- DERRIDA, J. H. *C. pour la vie, c'est à dire*. Paris: Galilée, 2002.
- FREUD, S. *Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. v.19.
- MÃE, V. H. *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016a.
- MÃE, V. H. *O filho de mil homens*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016b.
- PIMENTEL, D. A. Traduzir o (in)traduzível idioma de Hélène Cixous. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 80-96, 2023.
- PIMENTEL, D. A. Gestos poéticos sob(re) ruínas de escrita. Ou: sobre o que resta do gesto poético em Hélène Cixous. In: GLENADEL, P.; DASSIE, F. A. (org.). *Poesia e gesto: sobre estéticas crítico-filosóficas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2023. p. 147-173
- PEIXOTO, J. L. *A criança em ruínas*. Porto Alegre: Dublinense, 2017.